

Truff Catuch!

Jacó Rudi Pitzlamp



Gilberto R. Winter

Jacó Rudi Plitzlamp



Ivoti 2011

Capa: Joel Henrique Pafiadache de Quadros
joel@crearecomunicacao.com.br

Ilustrações: José Vilmar Pereira de Fraga
zevilmar@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W785t Winter, Gilberto R.
Truff catuch! : Jacó Rudi Plitzlamp / Gilberto
R. Winter. – Porto Alegre : Evangraf, 2011.
72 p. : il.

Inclui glossário.
ISBN 978-85-7727-296-9

1. Literatura sul-riograndense. 2. Crônicas
sul-riograndenses- Dialeto alemão. 3. Humor. I. Título.

CDU 869.0(816.5)-94
CDD 869.987

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

É permitida a reprodução parcial, mediante
autorização do autor.

Gilberto R. Winter
Fone: 51.8456.4614
E-mail: gilrwin@brturbo.com.br

Ao meu bisavô, pela
"cedência" da fotografia;
ao Bernardo, pela inspiração
do nome; à minha esposa Virginia,
pelo apoio constante; a todos
que colaboraram com sugestões de
texto e ainda, a todos amigos que
insistiram para que o livro fosse lançado.

Abrezendassôn e esbligassôn

Cumôia!

Era uma vez...

...um fotógrafo/colunista de um jornal de Novo Hamburgo, que seguidamente falava algumas palavras e expressões em alemão, no dialeto falado na região.

Um dia, o editor (Luiz Pedro Guerreiro) sugeriu que eu escrevesse uma coluna neste dialeto e eu me interessei e comecei a planejar como faria.

Quando já tinha um piloto, a ideia foi vetada por um dos diretores e foi esquecida.

Algum tempo depois, o editor saiu do jornal e, com ele, o diretor.

Passados alguns dias, encontrei o material inicial em um arquivo e falei para o novo editor (Rafael Geyger) que talvez agora fosse possível levar em frente aquela ideia, que ele próprio já tinha aprovado no início.

Consultado o diretor (José Becker), foi dado o sinal verde e iniciei a coluna no dia 9 de setembro de 2005.

A fotografia do personagem, um dia me foi entregue por um familiar: é o meu bisavô materno, Johann Peter Wilhem Baum, que imediatamente resolvi usar como identidade para o Jacô.



O nome, Jacó Rudi Plitzlamp, eu ouvi em 1976, durante uma encenação de casamento na roça, em uma festa de São João no Colégio Industrial Senador Alberto Pasqualini, de Novo Hamburgo.

Meu amigo Bernardo Lauck era o noivo e, durante a cerimônia, foi indagado pelo "padre": "Gômo du dê jãma?"

E o Bernardo: "Chacó Rudi Plitzlamp!"

Não sei a razão, mas nunca mais esqueci este nome e seguidamente, quando falava com algum amigo ao telefone, brincava que era o Jacó Rudi!

Quando do início da coluna, o nome veio imediatamente à memória e não haveria outro que casse tão bem com a ideia.



Fábio Winter

Gilberto R. Winter



Trabalhamos juntos, o Gilberto Winter e eu, na extinta Folha de Novo Hamburgo, aí por volta de 2005.

Ele como fotógrafo, inquieto, trabalhava no seu horário normal e mantinha ainda uma coluna sobre bichos de estimação e outra, com fotos antigas da cidade, no mesmo jornal.

Como editor da Folha, eu exigia dele, além dos cumprimentos jornalísticos de rotina, um aprimoramento do seu trabalho.

Ele foi além. Num belo dia, jogou sobre minha mesa um texto, pedindo para que eu lesse e opinasse.

Levei ainda uns dois dias para ler. Vi, tratar-se de crônicas escritas em dialeto alemão, na verdade, dialeto aqui da região do Vale do Sinos.

Como ambos brincávamos muito com o sotaque germânico, aquilo despertou em nós momentos de descontração e de exercício crítico.

Sugeri então a ele, que escrevesse mais algumas daquelas crônicas para que eu pudesse fazer uma avaliação do potencial que poderia render ao jornal. Algo como uma coluna crítica com doses homeopáticas de humor.

Humor, por algumas vezes ingênuo, outras com forte componente ácido.

Algun tempo depois, a personagem Jacó Rudi materializou-se nas páginas do jornal apontando desigualdades, inconformidades e sugestões.



Agora, surge o livro para que possamos nos deleitar com as histórias que Gilberto tão bem soube colocar no papel!

Luiz Pedro Guerreiro



- E o tal Jacó existe mesmo?

Nos primeiros momentos da carreira do Plitzlamp, essa foi a pergunta que mais ouvi.

Inquietos leitores queriam saber se batia cartão no jornal aquele velhinho língua solta. Indagavam como era o convívio diário com ele: seria sissudo como sugeria sua foto sépia?

Em todas as oportunidades que tive, afirmei e reafirmei a existência do alemão. Não se tratava apenas de uma estratégia para manter o interesse em torno dele. A existência do Jacó nunca foi mero marketing jornalístico.

Desde a primeira de suas colunas, houve identificação do público com o cronista, afinal, o tal Jacó era o espelho de muitos de seus leitores, de pais ou de avós deles.

Antes, o significativo contingente de descendentes de alemães no Vale do Sinos acostumou-se a ser retratado de forma jocosa, mesmo na imprensa.

Com Jacó Rudi Plitzlamp, o sotaque alemão não aparecia mais como causa de gracejos e o ser "colono" finalmente representava o homem artesanal, do campo, em contraponto ao sujeito ignorante, grosseiro e arredio de outrora.

Jacó sempre foi um cronista de opiniões fortes, com ironia pontual e uma pitada inteligente de humor.

Também se mostrou pouco convencional para



alguém que, visivelmente, ultrapassava as oito décadas de vida.

Assim, mostrou que a sua gente, que tem sua cara, seu jeito e seu idioma, está longe de ser alienada, influenciável ou vergonhosa de suas origens.

Que bom, velho Plitz, que você existe!

Rafael Geyger



Truff Catuch!





Cnut nêls!



Cumôia bezoál.
Brá guên non
me gonhés, eu zô o
Chacó.

Faiz dêmbô gue
eu vin bará em Lômpa
Crãnde, máiz acóra
moro no crôs chtát,
Nói Hamburch e vô
esgrevê umas gôissa

no chornál dôta zemãn.

Net vai zê fázil, borgue êsde computatôa é tifízil
te benútza, brá guên zó gonhés majáto, injáta e arado
bujádo por ôx.

Pôn, eu chá falei timáiz, máiz o jéf tís gue ísdo
non ênje a goluna. Endôn vô esgrevê máiz umas
gôissa, uma vêiz.

O biór, é que chá tâmo no meio ta dárte e a mi-
nha pariga roncô pên áldo e azusdô os goléca. Ísdo
me lemprô ta Hulda (ela é o meu chêtsia), gue faiz
umas gomíta pôa. Foi ela gue tís gue nas revisda den
umas rezêida pôba timáiz.

Quérin vê? Uma vêiz ela dáva gocinhando e a
rezêida dicia azín: górta as cepôla e os tomade em
cupinhos te un zendímedro.

Adé aí, dúto pên, máiz tebôis betía brá patê dúto
no liquificatôa! Endôn brá quê gortá en cupinho?



Essa chênde só bóde zê lôc.

Ah, eu betí brá ela uma rezêida pên fázil, brá eu potá no chornál. Ela teu ésda aguí:

Pôn gôn chmia gomun, morcilha e criva.

Incretiêndes: Uma, ô máiz fadias te pôn te mi-lha; puta, ô marcarín, brá chmia non endranhá no pôn e ficá um cnátch; chmia gomun, ô odra gualguér; morcilha prãnga, ô plutvócht e criva.

Modo te facê: páza a puta no pôn, tebôis a chmia: brôndo, é zó gomê.

Taí mórte um petás, masdíca uma vêiz e taí mórte a morcilha e o criva. Agombã nha pên um gafé gôn milich. É uma telízia.

Acóra uma gôissa pên zéria: os bolitic te Prassília ton me techãdo te capêlo en bé! To chêido gue vai, vômo tê te amará êls nas árvore e bergundá: vai tevolvê a crãna gue du ropô, ô o cnut vai gantá! Eu abósto gue êls tevolvia!

Taí eu bergúndo: borguê a chênde non fáiz?

Amor aos picho

Cumôia!

E o feriatôn, dáva pon? Eu non dive e zó drupalhei. Um pôc no chornál e muido no plantóch, blandãdo bimentôn, chtecapôna, perinchéla, tsuívala e alfáss. Ao menos non brezisso gombrá tebôis.



E dampên pringuêi com os cáts e os môpas, te gássá e ta vissinhãns. Meu vissinho den um vóchtchia brêt gue é uma crássá e êl zê rola bêlo chôn gôn os cáts e é uma alecria zó.

Acóra eu bergundo, bor gue dānda



chênde non cósda te picho? Uns cósda te gajôro, maiz non cósda te cáto; ôts cósda te cáto, maiz non cósda te gajôro; ôts cósda de bazarinho (gue eu ách gue non tevia dá bresso); ôts cósda adé te chlán.

E den os gue non cósda te nenhum.

Maiz zê non cósda, ao menos non brezissáva zê crôp com os picho.

Êls amára os gajôro numa górda pên gurta, non têchon água e gomíta e ainta ton chlê.

Eu ájo gue êls dinha gue dampên zê amarado e zofrê brá abrendê gue os picho dampên zôn filho te Teus e gue a maltade den vólta: um tia agondés uma gôissa ruin na família e bóde zê o drôc bêlos mal gue fisséram bros picho.

Zó gue êls non lêmpran e ájon gue non merézen êsde gasdigo.

Zó alquén muido pôbo aja gue non fáiz bárde de um dôto. Adé eu zêi gue a chênde vive numa piotiversitáde e gue dúto dá inderlicádo: os picho, as



blãnda, as bezôa, os inzét e adé os mar, os rio e dúto
maiz têsde munto to Main Cott.

Endôn, vômo bará te patê nos gaválo, nos
pôï, nos môpas e em gualqué picho gue non bóde
zê tefentê.

Gue bêna gue a tôna Balmíra chá morêu,
borgue ela ia mostrira brá êsdes govárte o guândo
tói um cnut no lômpo.

A tãza



Cumôia!

Ésda hisdória
me gondáron gômo
vertatêra e foi
vedáta nun chornál
te icrêcha.

Eu vô gondá
gômo zê divés zido
eu, maiz eu nunga ía

fassê isdo, non mesmo!

Na técada te guarênda, fui chúndo gôn un crúp
te esdutãnts gue foi brá Gamburiú fassê rediro.

Turãnde a zemãn zê gonverzáva, ía brá bráia e
un tia ficãmo zapêndo que bérdo talí dinha uma zála
te tãza. Ôpa, acóra ia ficá muido melhôa e no zábato
te nôide fomo brá lá.

Chá bérdo, esdranhãmo o zilêns e endrãndo na



gássa, vímo gue dinha un velório!

Frusdaçôn dotál!

E acóra, a chênde dinha ído ton animáto brá tanzá?

Taí eu dive uma itéia e fui falá gôn a viúva. Gombrimendêi e tei os bêzame e tís gue a chênde non zapía gue o maríto téla dinha morido e gue zó gueria tanzá. Eu tís gue a zála era crãnde e bergundêi zê nóiz non botía tãnzá no ôdro lado tá zála gue dáva vassíio.

Ela gongortô e nóiz ficãmo tãnzando e êls ficáron lá velãnto o capút.

Tãndo alcúmas vóldas, olhei brá viúva e figuêi gôn bêna téla. Fui lá e bergundêi zê ela non guería tãnzá gomico e ela resbontêu: "íó"!

Apêlha



Cumôia!

E o galôr gon-dinúa! Non bóde esguezê te ussá protetôa zolár e nen o mitsia, zenôn chá viú, né? Maiz eu vô bará te falá nêl, zenôn êl non vai empóra.

Un tomingo têsdes o meu prúda abarezêu lá en gássa brá uma vissidinha e eu esdranhô, borgue êl



abaráes muido pôc.

Eu benzêi gue êl ia tebôis no paile gue ia dê no fin da dárte na zoziedáte gue fíga bérdo te gássa. Maiz non, êl e a frau têl figáron menos te uma hóra.

Zó guando dáva indo bro áudo, êl tíz gue dinha drassído uma gôissa brá min. Ôpa, eu benzêi, un pêcchia! Maiz non, era uma gácha te apêlha vassía, gue êl guería potá no meu bátio. Ah, maiz êl drôs dampên un cách te panãna, máiz eu ájo gue era supôrno.

Maiz a hisdória é ôdra: os pína! Eu denho mêto têlas, borgue chá fui bicádo muidas vêiz.

A brimêra vêiz gue eu levei umas feroáta, foi te marimpôndo (aguêls vermelho, crãnde) e eu dínha uns zêis ãno. Eu levei umas zíngo feroáta nas gósda e toeu brá púro e o meu báí tís gue eu dinha gue michá enzíma. Taí eu tís brá êl gue eu non alanzáva gôn o meu bibí nas gósda...

Endôn o meu irmôn techô a gácha na minha órda, brá endrá un enjãme.

Domára gue êndra lóco e taí eu líco imetiadamende bro meu prúda, brá êl vin pusgá êsdes pichinho ton prábo, brá êls non me bicá nen uma vêiz.

Eu zó denho uma túvida: zê endrá a rainha e dôta a durma te apêlha, êls vôn zê minha, ô to meu irmôn?

A gácha é têl, maiz as apêlhas non zôn minha? E zê é dúto têl, zeraí gue eu denho tirêido a un túsia te mel?

Pôn, é melhõa esberá, borgue bóde nen endrá náta e eu chá do guerêndo canhá alcúma gôissa.



Betít Catô



Cumôia!

Hôche vômo amenissá um pôc as gôissa, borgue uldimamênt era zó broplêm. Acóra jêga, uma vêiz.

Adé uma rezêida eu vô tá: é te betít catô!

Pon, vômo gomezá to gomês: abessár ta minha déra zê engosdáta na Frãns, eu non zêi muidas balávra em franzês. Zó jefrolê, apachúr, zuflê, groaçôn e acóra êsde tôce, gue eu núnca dínha ovído falá, guãnto maiz gomê!

Guên falô ésdá balávra foi o etitôa, há uns tóis ãno. Êl gomeu ísdo num odél, lá na zéra, em Gajías. Barés gue os idaliênich gabricháron e êl núnca maiz esguezêu.

Zêmbre gue alquén fala gue almozô ou chândô en un lucár chíc (ôpa, odra balávra franzêza), êl bergúnda zê dinha betít catô. Zê non dínha, êl tís gue non éra chíc.

No tomingo, a chênde dáva brogurãnto umas rezêida brá Fassê un almôs tiferênt e numa revisda a Hulda ajô êsde tôce e bergundô o gue era ísdo. Eu tís: ísdo vai me techá numa pôa gôn o jefínho.

Era o betít catô, uma vêiz!



Endôn aí vai: tucênts e zingtienda crãma te píta chocolóda; um táss te marcarín; fía áia; un táss te tsúca e un táss te farín.

Póta nun refradário o chocolóda bicádo e a marcarín e léva brá o pãho maria (eu guería zapê a oríchen têsde nôm).

Enguãnto isdo, páte os áia gôn o farín e o tsúca adé ficá homochên. Aos pôc chúnda o chocolóda teredido e méje maiz un pôc.

Terãma en forminha intivituál, undátas e enfarinhátas.

Leva brá azá en forno áldo (bréaguezíto) bor ôido minúdo. Redíra e zérve lóco, bor gue guên dá bérdo chá vai dá lôc te vondáte te gomê.

Brágas



Cumôia!

A minha órda dá
jêia te brága!

Os bé te peca-
môt e os te ránja ton
feito e as frúda chá
ton crãnde e gaínto
ainta vêrte.

As bêra ton
beguêna e gainto. Os apacát dampên.

E isdo gue ainta é verôn e chá zêi gue no inver-



no non vô dê náta. Ah, maiz os bé te fíco ton tãdo umas frúda pên lecál.

Lêmpron to bé te perinchéla gue eu falei ôdro tia, aguêl gue adé o lacát foi mortê?

Endôn, alén tísdo den ámaiz, fóts quêfa, cafanhôt, chnêc, chmêdalin e zêi lá maiz o guê!

Eu non cósdó te ussá venên, brefiro os médoto nadurál, uma vêiz.

Endôn chá fis un brebarát de água gôn arúta, ôdro gôn vinácre e os picho non dávan nen aí. Acóra vô abelá bro fúm.

É gue eu lemprêi gue o meu avô misduráva fúm na água e tebôis porifáva nas blãnda e os picho zê mantávam.

O broplêm é ônte ajá un chtic te fúm. Andicamênt en gualgué pirósga dinha, borgue os hôm te vertáde non fumava zicáro de babél e muido menos gôn fildro.

Hôche non den maiz potéc, zó zubmergáto e o melhoa vai zê í lóco brá uma zitáde to inderiôa, azín gômo Bicáda Verôn, Iámatal, Linha Imberial, ô maiz atiãnde ainta.

Eu vô fassê pên fórde e vô porifá e vô tizê brá êls: "acóra é no fúm, babacái!"

Tebôis eu gôndo brá vozêis zê atiandô, ô zê vô gombrá vertúra na fêra e aranguêi dúto e fis uma gânja te pócha, ô un azúde brá griá uns bêch e uns crôt dampên.



Capótstach



Cumôia!

E non é gue un
mônde te chênde
lemprô to meu
Capótstach!

Na minha bá-
china to Orgút den
muidas lemprânzas
tos amico e leidôa;

muits defefonáron bro chornál e adé brá gássa.

Main Cott, me zendí imbordãnt, borgue núnga,
ãnts de gombledá os meus oidênda ãno te vita eu fui
famôssso.

Pon, brá zê onést, uma vêiz eu terupêi tôze
vêiz zequíta os nóve bíno nun gambeonát te polôn
en Baropé. Maiz táí eu era chóven, zó dinha uns
zedênda ãno.

Naguéla vêiz me carecáron bêla rua e adé zaíu
uma nodízia no chornálssínho ta gomunitád te Zãnda
Gridina. Redrát non, borgue adé êls mondá dôto o
eguibamênt ia levá muido dêmba e chá dáva ficãndo
esgúro e eu meio cnill.

Pon, meio dalvês non zêcha o gorét, borgue a
Hulda zó ticía: "ná, ná, ná Chacó, o gue êls vôn
benzá?" E eu benzáva: êls vôn benzá gue eu zô
gambeôn to polôn!

E domáva maiz un chlúc e critáva: "Iêts quêts lôos!"



Ach, maiz eu dáva falãnto to capótstach.

Veio uns barênt e amico e a Hulda non guería jurásgo borgue chá dáva enchoáta.

Endôn ela fêiz calinhóda, chucrut, retícia e te zopremêssa un crits te tráuva gôn grêm te lêide.

Maiz ãnts, ela teu brá gáta un, un milha côlva gossído, gôn zál e mandêga brá gomê chúndo gôn os aberitív, gue éron pên variátos: chnáps, chnáps gôn chaputigáva, chnáps gôn gásca te pecamôt, chnáps gôn putiá, chnáps gôn pacachí...

As vissita drosséron un parilssinho te chopp, un rolo te fúm e un ganivét novo gue me techô muido felís.

Zó figuei un pôco prábo gôn o meu gunháto (dinha gue zê), o irmôn ta Hulda, o Childo, gue enjêu a gára maiz gue dôtos e gomezô a gantá umas mússica téssas túpla gaipira e eu otêio isdo.

Mússica é pãntinha e te pôca fechada.

No résdó dáva dúto pên pacãna e zê gonverzô pasdãnde e gondô biáda velha e zê riu muido, gômo agondéze nésda ogaziôn.

Tas vá mol chên!

Tôis birú ton gonverzando na zaíta ta esgóla e un tís: - Meu báí tís gue é melhôa tá to gue recepê!

- Êl é evanchélico?

- Non, é lutatôa te póx!



Chicapau



Cumôia!

Cúc mol, acóra
o chornál Zapêr Viver
den uma mêtchia fas-
sêndo umas rezêida
pôa, uma vêiz.

E eu, gue cósdo
te frêssa, dampên
cósdo te lê as goluna
te gulinária.

E bor falá en gulinária, nêstia a Hulda gombrô un
mônde te chocolóda, gasdãha e ôts telícia numa lócha
te brotúts nadurál e tís gue ía fassê un sorvê:te

- Hôche vô fassê chicapôn, gue du e os birú
cósdan te gomê!

Maravilha, umas hóra te bôis o gonchelatóa dáva
jêio de gácha te sorvê te chocolóda.

No ôdro tía, te dárte, te bôis tuma zonéc eu adaguêi:
beguêi un túsia pên crãnde (na vertáde, túsia zignific
bóte beguêno, máiz eu beguêi un crôs), enjí te sorvê e
fui brá tipácho te uma árvore, brá zaporeá o chicapôn.

Main Cott, dáva túro gue nen zêi e guásse gueprêi
os tênde! Taí eu critêi: Hulda, du non fêiz chicapôn,
du fêiz chicapau!

Fáiz uns drêis tía gue ela zó me ólha adravezáta,
aínta máiz gue o pót dá gáda vêiz máiz vassío e ela
guásse non gôme!



Chtroconóf



Cumôia!

No tomingo eu
fis un almôs brá Hulda
(e brá min dampên)
bêlo tía tos chêtsia.
Fassía dêmbô gue ela
guería gomê un
chtroconóf e taí eu fis.

E foi tendro tos
gonfórm: gôn cocu-
mél, patáta chtrô, grêm te mílích, ráis e uma caráfa
te váin, tos pon.

Ficô ton pon gue os mints e os môpas non zaían
te retór ta mêsa, maiz táí chá ia zê timaiz: chtroconóf
brá êls dampên non, bor maiz gue eu cósdô têls.

E dampên nen ia fassê pên brá zaúte têls, non
é? E o résdô to grêm te mílích foi brá zíma ta
zopremêssa te fíco.

Brá gortáos tsuívala, os domát e a gárne en
dirínha, eu betí brá Hulda o prêtt. Ela me algãnzô e
tebôis eu betí o arôs, gue dáva num plêch. Enguãnto
isdo, eu ia domãndo uns chlúc te váin e taí barés gue
as itéia ficon pên melhôa.

E eu me tei gônda te gue a láda te arôs, non é te
láda, maiz te blástic. A dábuá te gárne non é te dábuá,
maiz te blástic. Víron gômo a chênde fala dúto erádo?



E gue guásse dúto é te blástic! Zautável eu zêi gue non é.

Máiz o chtroconóf dáva ton pon, gue guásse faldô váin brá comemoríra.

Críva prôt

Cumôia!

Chá domáro gafé? Eu chá, ali bêlas zíngo e meia. Hôche dinha uma gúca gue zoprô to tomingo e a Hulda potô no pacôfa brá torá. Endôn dinha pôn, chmia te coiáva,



vócht, críva e gúca toráda.

O meu gafé gôn lêide é maiz prãngo gue prêt, maiz non bóde dê rôm, den gue ussá a goatêra. Maiz gômo eu tissia, a gúca dáva túra e brá mortê, eu dinha gue nin tunga no gafé, brá amolezira un pôc. Eu zêi, víra un cnácht, maiz é o único chêido.

Bor falá en pôn, vô tá uma rezêida te crivaprôt! ãnts te gomezá, vozêis azênte o fôco no pacôfa (vozêis dên, non dên? Non vôn me fassê pôn no forno a cás, borgue non é a mêsma gôissa. Vái un guilo te farín te mílha, tóis guflo te farín gomún, zál, fermêndo e áqua.



Misdurira dúto muido pên e chúnda umas drecênts crâma te críva esfareláto, non muido beguêno. Êsde pôn é un pôc maiz corturôsso, maiz dên un sapôr teliziôsso. Gôn pasdãnde chmia e rôm enzíma, maiz un petás te vócht, Main Cott!

Dia Hérda



Cumôia!

Ía láit, o ziúm é uma gôissa zéria, uma vêiz!

Fáis uns tóis mês, eu fui gomê un jurásgo e domá umas pía gôn uns amíco, lá no Páumchnáis, brá

chocá pócha e domá maiz pía.

O gue máiz bóde guerê un hôm, non é?

Aí é gue dá: o Álfred critô brá nóiz vê drêis curiassínha gue dávon bazãndo. Êl tís gue éron as "Maravilhóssa!" E gue éron ardíst de deádro!

Pon, eu ajêi gue uma télas era un mulherôn: êls tizéron gue era a Dia Hérda. As ôts túas éron a Sitônia, uma pachínha morena e a Alvís, uma loiróssa altona, gôn umas bérna fina gômo daguára.

Máiz a Hérda non é ton macrínha, dên chpêcchia, Main Cott!



E a chênde falô un pôc gôn elas e a Hérda me gonvitô brá í no deádro.

E eu fui, e levêi a Hulda chúndo.

No meio ta abressendassôn, a Hérda me viu e critô: "Chacossínho, du veio me vê, tinôvo!" E me adirô uma florsínha.

A flor nen dínha checádo en mín e o meu olho chá dáva rôch. E a Hulda me arasdãnto brá fora.

Uma gôissa eu zêi: nos bróximo téz ãno eu non vô brá Tôis Irmôn!

Gamissêt

Cumôia!

Hôche eu non vô falá te fuspál. Non muido.

Gômo é ponido vê as bezôa vesdindo a gamissêt to Prassíl. Dôto munto te crin e quêlp, as pandêra dremulãndo nas gássas...

vi chên o amor gue zê den bêlo baís!

A bobulassôn barés gue fica lôc, zêmbre gue a zelessôn chóga, ô den fórmula un, ô alquên vai en uma gombetissôn fora to baís (êls tís gue vôn tefentê o Prassíl - eu ájo gue êls vôn tefentê o têls e na garôna



o Prassil é lemprádo).

Nésda zemãñ uma goléca dáva te amarelo e verde te zíma apácho (ía te chôgo) e eu bergundêi zê ela ia ussá a mesma rôpa en zedêmbro. Taí ela bergundô o gue ia dê en zedêmbro!

Main Cott! Gômo a chênde bóde melhorira ésdá déra ton ponida, ton crãnde e ton esgulhampáda gue é o Prassíl, gue me agolhêu gôn dãnto amor?

Bor gue zê ússa a pandêra en chôgo, maiz zê den vercônha te ussá en zedêmbro, brá homenacheá a intepentênzia?

Gláro gue as cor zôn ponida e é pon zê nazionalíst, maiz vômo zê dampên brá lembrira tos gue fisséram ésdá déra livre (maiz ô menos).

E en odúbro, alquén te nóiz vai vesdí verde-amarél no gorazôn e vai tá un pásda na gorupsôn, no rôpo, na falgadrúa, na fállda de zaúte, na fállda de etucassôn, na fállda de dãnda gôissa?

Bêlo amor te Teus, ia láit! Vômo zê badriót dôtos os tia to ãño e non zó guando den chôgo.

Ísdo non é cosdá to baís, ísdo é cosdá te chôgo!
Zenôn vô acapá voldãndo bro Táitchland.

Lá bóde non zê berfêit, maiz êls den resbêido bêlo zitatôn. E o zitatôn zê faiz resbeidá. Ésdá é a tiferenza. E ísdo a chênde vai de gue abrentê, ô endôn vômo dê feriáto e ninquén vai zapê te guê.

Gômo chá dá agondezêndo gôn o capótstach te Novo Hampúrgo.



Gardôn te grêdit



Cumôia!

Main Cott, non tá brá aqüendá os déle adentimênt!

Na zemãn bazá-ta, guando eu jequêi em gássá, a Hulda dáva en bé de quêra gôn o defefôn. Tís gue non ia maiz

adentê e gue zê eu guissés falá gôn ela no ôdro tía, gue licás bro zelulár.

Ela dáva nervês e raivóssa e eu tís: "ach, hétsia, o gue ôve?"

"Eu non aqüêndo maiz o defefôn docãndo e eu non bózo gossinhira, lavá ropa, tá gomita pros pipi... é uma jamáta adrás ta odra e dôtas zôn brá min fassê gardôn te grêdit. Eu vô adirá êsde cháis na barêde!"

Taí eu dive gue teidá o plêss téla no meu ômprio e alissêi os capelinho e tís: "plaib in rú, ísdo non é o fin to munto!"

Rabáz, eu guásse abanhêi, borgue bra ela, gue era inderombida enguãnto dáva drapalhãndo, a gada vinde minút, era o fin to munto, zin.

Gômo o zelulár téla é ta Prassíl Delegon, o bula bula, eu tís brá ela tizê bros chát licá brá êl, taí ela ia canhá grêdit. O brózimo gue licô, ela betiu un



minudinho, foi gossinhá e voldô uma hora tebôis. No secundo, betiu brá licá bro zelulár e núnga maiz ninquên licô.

Vômo vê zê barô, uma vêiz, zenôn vai dê cnipâl.

O vovo dáva nas úldima. Deidádo no pêt e chúdo têt, o nédínho guerido, zecurãnto a môn têt.

Nisdo, endrô no guárdo un jêro de gúca. Main Cott, o vovo arecalô os áua e betiu:

- Fritsia, vai na gossínha e béde un betás te gúca brá dua vó. Tís gue é o meu úldimo betído.

O curí gorêu e voldô pêñ lichêro e te môn vassía.

- Ach, bor gue du non drôs?

- Non têu, vovo, a vó tis gue é bro velório!

Garvôn bro drên



Cumôia!

Maiz na zemãn
bazáta nun jurásgo
gôn amicos, o
bezoál gomezô a
lemprá tos dêmba de
birú e tas gôissa

malúc gue fassían.

Dôtos zêmbre benzávon en canhá muido tinhêro
guando ficázen crãndes e muits chá gomezávon a fassê



uns drapalinhos brá chundá uns bilas bro zinêm, bras clíca, bras revisdinha, bro bigolé e zorzê e muido maiz.

Endôn uns ventian chornál, ôts ventian frudas, basdél, caráfas e o gue maiz êls ajávan gue táva tinhêro.

O Etca lemprô te un amico gue un tia tís brá êl: vômô canhá tinhêro, ventêndo garvôn bro drên!

Ísdo era no inízio ta técata te zezênda e o drên bazáva em Hampurgo Velho, bérdo te ônte êls moráva.

Êls non zapian fassê garvôn (non dinhan tés ãno ainta) e nen benzáron gômô zería ventê. Guên ia gombrá, o maguinist?

Pon, o gue êls fisséron foi regolhê un tia indêro os cravêt no mádo bérdo ta Funtaçôn Evanchélica, chundá nun mômde e potá fôco. O broplêm é gue potáron fôco no mádo dampên. Taí veio un professôa to goléchio gue chincô êls e jamô os pombêro, enguândo êls fuchian.

O zônho te ficá ríc derminô ali.

Un tia, na braia, un quárdá barô un besgatôa garecãdo tôis bêch.

- O zenhor vai dê de bagá múlda, borgue non é éboga te bésga.

- Maiz non, zêu quárdá, êls zôn bêch te esdimazôn! Eu zó drôs êls brá natá un pôc.

- Ísdo é un apzúrto!



- É vertáde, êls êndran na áqua e guãnto dá na hóra te í enpóra, eu azopío e êls vóldan.

- Tas wil ich mol síhn! - tis o quárdá.

Endôn o hóm adíra os bêch no mar e o boliziál tis: Acóra azopía bros bêch voldá!

- Bêch - bergúnda o bescatôa - gue bêch?

Goêlho



Cumôia!

Cúc mol, chá é Básgoa tinôvo.

Endôn, zará gue o goêlho vai drassê muits chocolóda brá di, o du non de gombortíra tirêido? Bêna gue a machía tá éboga chá bazô,

chúndo gôn a nóza inchenitáde te griãns, non é?

Gue bêna gue êsdes valor zê bertêron.

A esbéra to crãnde tía, guãnto zê éra beguêno éra muido alécre, borgue na zemãn gue andecetía o tomingo te Básgoa, às vêiz a chênde engondráva un ovínho te azúgar no drapessêro.

Taí a cridaría éra cherál e as bergúndas te gōmo o goêlho endrô en gássá e a chênde non dinha visdo, gue hóra êl veio, zê a mãe dinha visdo êl e muido maiz...



Ah, maiz brá zê canhá un nêst jêio te ovo os birú e as mêtchia dínhan te zê gombortira muido pên.

Guãnto eu fui klain (ísdo chá faiz uns ãno) eu ia na gássá ta vôvo, chá na guárda fêra, borgue non dínha aula na guinda, gue éra jamáta te Guinda Fêra Zãnda.

Taí o dêmbó livre éra brá fassê un ninho bro goêlho potá os ovo e na zêsda fêra non zê botía critá, pricá, nen tizê nôm feio.

Uma vêiz, nun tomingo te Básgoa eu techêi o meu ninho no guárdo e fui pringá gôn meus irmôn e brímos, guãnto teu uma príga e jingamênt uns bros ôts.

Guãnto dúto derminô eu fui gomê un chocolóda brá me agalmira e engondrei o nêst vassío. Main Cott, gue zúst.

Tebôis te jorá pasdãnde a vôvo tís gue zê a chênde fisséze as báz, o goêlho ía drassê os ovo tivólda. E non é gue guãnto voldêi, os ovo dínhon voldádo? Non zêi gômo o goêlho fêiz aguílo, ton rábido!

E a Hulda, endôn? Ela tís gue via o goêlho no meio tos bé te maiôc, gue êl dínha tóis médro te aldúra e ela goría brá gássá, te mêto. Ela chúra gue via.

Ainta azín, amanhã eu vô levá uns birú bra abanhá marzêla brá êls fassê os nêst. E non é gue êls reglamira gue ian dá gôn zôno e gue tevia zê broipido levandá as zíngo hóra tá manhã! Ná, Ná, ná!

Ruin é guãnto zê grêze e tescópre gue non essísde goêlho e gue nen ao menos póta ovo!



Gunhátos



Cumôia!

Do levãnto tóis
ãno brá gabiná a
hórda. Eu esblíc: non
é a hórda gue é muido
crãnde, é gue eu
gomezêi no tia drínda
e zó vô derminá lá
bêlo tia zêis. Endôn,
gomezêi no ãno

bazáto e vô derminá nêse.

É gue a Hulda chá dáva malúc gôn dãnto ínzo
adrapalhãndo as vertúra e eu náta te gapiná.

Ressolvi gue dirãndo as erva tãninha to bátio, as
ta víta vôn chúdo. Em tóis mil e ônce eu vô zê um
zên mazéga.

Eu zó drapalhei no fin ta dárte, guando o zól
táva lucár bra zômbra. Taí eu chuítza, mas em
gombenzassôn, canháva uma pía ta Hulda.

Gláro gue no meio tísdo deve dúto gue envolve
o final e o inízio to ãno: os almôs, chandár e zêia em
família. Oiêêê, aí é gue dá uma esgulhampassôn,
gorería, critaría tas griãns e popacháda tos gunhátó.
Zêmbre êls!

Na dárte te drinda e um, chá tebôis te umas e
ôts, un tos gunhátó, o Childo (chá dinha faláto nêl e
bêlo chêido vô dê azúnt bro résdó ta víta, gôn êsde



goió), bergundô zê o jambãnh dáva chelãnto e gue ouviu uma hisdória gue o Nabileôn apría as caráfa gôn um zápre.

Eu besguissêi e ajêi algo zôpre isdo: é o zaprách - a tecóla to carcálo. Hôche essíst um zápre ardessanál e zên fio, brá fassê isdo, gue zê dransformô nun esbedáculo. Eu é gue non ía domá, e zê ficô uns cás te vítro têndro?

Maiz endôn, voldãndo ao azúnt irmôn ta Hulda - non é gue o picho tessabarezêu lá bêlas ônce e meia. Brogurêi bor dúto, na esberãns te ajá êl tormindo nun gãndo, brá non enjê o nózo sác a meia nôide.

Non zó dáva pên agordáto, gômo dáva afiando um facôn drêis lisdras, no chôp, brá apri as jambãnh. O tescrassáto dinha pepido dãnto, gue zê ajáva o bróbrio Nabileôn!

Taí beguêmo êl, têmo um mônde te gascúto e arasdãmo bêlo cníc brá fora to calpôn, e zê a Hulda non jêca, a chênde amaráva êl num paum e techáva lá adé o ôdro tía.

Zó tigo bros maiz novo: ãnts te namoríra uma mêtchia, ô un rabás, esgólhe uma filha ou filho únigos.

A víta em família, no fudúro, vai zê maiz drangüila, ísdo eu carãndo.

Tinôvo eu fui no pãngo ontônti e aguêls bórta fican drancãndo dôto munto.

Eu non, borgue chá vô guásse beládo brá non me incomodira, maiz na minha frênt dinha uma kêsia



gue non gonzequía bazá.

Era o zelulár, era as jáve, era maiz non zêi o guê. Eu tis brá ela gue tevia zê o bírzin, gue ela dinha en alcún lucár, maiz brá pácho.

Indernéd



Cumôia!

Ésda zemãn eu non bóssu esgrevê o gue eu guéro, borgue o etitôa mantô fassê uma besguíza na indernéd. O jéf betiu brá min besquizira no cúgol, borgue lá den dúto.

Gômo ésda goluna é lita bor muida chênde gue non gonhés computatôa, eu vô esbliquira tireidinho.

Zó béssu desgulbas brá guên é crác no azúndo, maiz eu non bóssu me comunicuira zó gôn indernáudas, non é?

O computatôa é igualssinho a um chornál, ô uma revisda, zó que é te blásdico túro e te vitro e den gue licá na domáta, ísdo é, non é de babel e non tá brá levá no panhêro e muido menos zê limbá gôn êl. É gômo uma develissôn, maiz den gue ussá un maus brá naveguira.



Ah, o maus é un necózio gue a chênde bõe a mon enzima e na déla abarés uma fléja que a chênde abõnda brá uma balávra e... Main Cott, gômo alquén vai endentê isdo?

Endôn zê du gué lê zôpre un teterminado azúndo, du esgrève a balávra gue du gué, clíca (êsde clica non é aguélas clica e zignific abertá en zima) gôn o maus e êls ájon brá di guãntas báchinas den zôpre o azúndo, no munto dôto.

Vômo tizê gue du gué lê uma báchina zôpre chpríts pia. Aí ven un aviso gue den 21 báchinas gue falon zopre ésda telízia.

Odra gôissa gue eu cósto é fechôn brê. Den 205.000 báchinas. Aí eu brogurêi criva: den 40.700 báchinas; mints 2.450.000; sis patata 282.000; maiôc farin 172.000; rotriva 49.000; chopp 658.000 (êsde foi zurbrêssa, ajêi gue ia dê un pilhôn).

O gambeôn foi môpas, gue den 5.260.000 báchinas. Olha gue zingo milhôn é báchina brá gájoro, hen? Eu non zêi brá gue dãnto, borgue ficá dôto munto falãnto ta mêsma gôissa!

Pon, eu ájo gue acóra dôtos chá zápen gômo naveguira na indernéd, maiz uma gôissa eu tigo: o chornál te babél é melhõa, gômo eu chá tís, êl zêrve brá muidas gôissa, é zó dê imachinassôn!



Inzditút te pelêssa virduál



Cumôia!

Azín, a brimêra
vísda, eu barês un
tápas, maiz as vêiz eu
zô mesmo un tápas!
Ôdras non.

Maiz den gôissa
gue eu non gonzígo
endentê ô agretidá.

Bor essêmblo, eu non agretit en fônde tá chuvendúte.

Chá fis te dúto e domei água en dúto gue é pách
e rio e gondinuo gôn o mesmo fráts te zênbre. E non
é zó o fráts, o gôrbo dampên chá vai bertêndo a
richitês. Opa, non dôta, pên endentido.

Os neurôn dampên chá non zôn maiz ton lichêro
e eu esguêzo muida gôissa, gômo bor essêmblo o gue
eu dáva falãnto, acórinha mesmo?

Ach, iô, fônde ta chuvendúte. Eu me lemprêi
tiso, guãnto eu ví bazá un áudo te uma ganditát a
teputóda gôn a gára téla bintáda pên crãnde e ela dáva
pên novínha.

Maiz gômo, zê eu gonhês ela há muido dêmbro e
faiz dêmbro gue ela dá un cág?

E non é te hôche e non zôn zó as frau. Os hêm
dampên ton dúto novinho e zên rúca nenhuma na gára.

Non den calínha fís, non den rúca ao retór tá
pôca, nas pôchêcha e o maiz ingrível, nen un fiossínho



te capêlo prãngo êls den.

O gue é uma popáche pên crãnde, borgue mesmo du non gonhezêndo a bezôa, du vê lóco gue os capêlo foran dinchítos. Endôn, alén te non techá maiz novo, figa feio timáís e dôto munto vê o gue êl fêiz.

Un goléca me tís gue os ganditát ússan o fódochóp brá fica maiz novo.

Main Cott, eu bózo barezê velho, maiz non vô ussá un drós gôn êsde nôm na minha gára!

Endôn dá: gômo eu vô votíra nun ganditát ou ganditáta gue chá dá esgontêndo a itáde? Zê êls chá gomézan mendindo e esgontêndo, tá brá gonfiá nêls?

Gomíco non, o meu vót êls non cãha.

Latrôn



Cumôia!

Me jamáron te latrôn, brequizôssu e ôts gôissa maiz.

Pon, non foi pên azín: Me tizéron gue numa reuniôn, gue agondezêu na guarda fêra numa enditáde, o oratóa gomendô gue

o Prassil chá gomezô eráto. Êl tis gue as bessôa gue veio ta Euroba brá gá era combósta te latrôn e ôts



maiz e gue bor ísdo adé hôche o Prassil gondinua gôn broplemas.

Eu zêi gue êl non falô ísdo te min (zenôn eu ia pricá gôn êl), maiz cheneralissô e eu ájo ísdo timaiz, borgue quanto zê cheneralissa, a chênde em cheral gométe uma inchusdíssa. Gué vê só?

No meu gáссо e tos meus gombanhêro te viáche pra gá, lá bor mil oidozêndos e pôc, foi azín: eu non era rico e drapalhava gômo zapatêro.

Gláro gue zapát dinha pôc, era maiz póta e eu fassía hõls chlápa e a Hulda fassía chucrút, polácha e quêcho gôn o lêide to nózo cu. Ôpa, chá vô avissando agui e non no clossário, gue cu zignifiga vága. Acóra eu me bertí, onde eu dáva?

Ah, zin endôn a chênde drapalhava muido, maiz non chundáva tinhêro brá melhorira te vita.

Taí, um tia un hõm to covêrno checô no bovoáto e falô gue o Prassil brezissáva te chênde brá colonissíra as déra.

Tis gue o imberatõa Ton Bedro Brimêro ia tá un derêno, uns trácsa, feramenda, zemêndes e máiz ôts gõissa. Vozêis brezizáva vê o esculhampassõn gue virô aguéla altêia, gôn dôto munto falânto ao mesmo dêmbõ.

Aos pôc ficâmo zapêndo gue ia zaí un chíff (em Bôrdo Alecre, ali na Mauá, a chênde vê um mõnde te farrõchta chíffa gue núnga záen te lá) bro Prassil en drêiz mês e a bazáche era te crássa. Taí eu tís brá Hulda: quêma ôda quêma net? E ela tís: quêma!



E nóiz veio.

E nóiz drapalhô gômo lôc e o ressuldáto daí: as golônia viráron vila, as vila virárôn zitáde e bor aí vai. E dúto gôn muido zuór e pôlha nas môn e fuchindo te chlán, cáto to má, borgo esbínho e muido maiz.

Non foi ropândo, non. Eu oví falá gue uns malándra viéron brá gá, maiz non foi no nózo chíff e ájo gue nen éron alemôn dampên.

Viu zó, endôn non é pon cheneralissá dúto, borgue a chênde non é zên bor zênto, maiz latrôn, non!

Leidúra - Bárde ии

Cumôia!

Faiz dêmbô gue eu vêcho gue as griãns non zôn maiz gapás te fassê muida gôissa.

Zê du fala uma balávra tiferênde, êls núnga ovíron falá e a chênde leva un dempôn dendãdo esbliquíra. Me barés gue pôcs cósdan te í na aula (nóiz



dampên non cosdáva, vômô zê zinzéro), maiz os dêmbô mutáron muido, en muido pôc dêmbô.

Há alcúns ão non dinha ésdas decnolochía ele-drônic e o gue os



kínna fassían? Olhavan revisdas, livros, os folhêt tas icrêcha e tá esgóla e abrentían a lê, adé ãnts te endrá na esgóla. E tebôis lian muido e guãnto maiz lian, maiz gôissa abrentian.

E pringávan gôn clíca, gôn pilpoguê, gôn piôn; chocávan póla, chocávan dáco, pringávan te zapáta, te bulá górta e un mônde te gôissa maiz, gue os biá te hôche nen ovíran falá. Gláro gue zê falá en computatôa, êls tón un pãngo na chênde! Maiz eu ájo gue ísdo non é dúto: fálda o dáto!

Êls non bóden zendí as gôissa bêlo computatôa. Non bóden zendí as folha te un livro, zê as folha zôn ásbera, zê zôn fina, zê den jêro te dinda da inbressôn. Eu non cósdo te lê no computatôa, eu cósdo te zendá nun lucár drangüilo e merculhá na hisdória.

Ah, e êsdes pringuêtos que eu falei, gômo era pon chocá gôn os amicos e vissinhos, adé a muti jamá e mantá domá pãngo e í chandá!

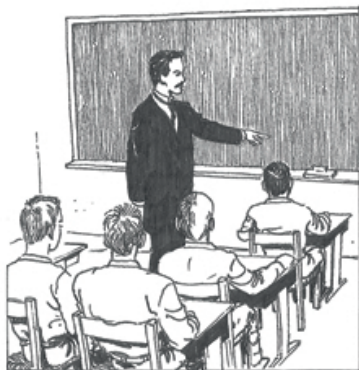
Zemãna bazáta eu fis bérna te báu bras grianza ta minha rua: gue alecria foi aguílo: gáda um guería achutá a lijá a matêra, bindá e debois lijá as fêlbas. Êls non têchon te antá nen un tía. E o melhôa te dúto é gue eu ainta zêi antá, e pên.

Acóra vô gombrá un pilpoguê (nísdo eu dampên era crác) e vômo brogurá nas revisda odras pringatêra. Nésdas hóra gue eu vêcho gue é fázil e paráto gondendá e enziná os beguêno. Maiz den uma gôissa: den gue teticá dêmbô brá êls e ísdo pôcs den.

Gondinua, uma vêiz.



Leidúra - Final



Cumôia!

Eu ájo gue os
professôa dêndan
inzentivira os aluno a
lê e vêcho muidos zê
enbenhãdo muido
brá isdo.

Non vêcho
ôdro gaminho zê
non a leidúra brá

tessenvolvira o raziozínio.

Aliáz, e a créve tos professôa, hen? Main Cott,
alcuns cãhan iquál a un cári - nada gôndra os cári,
gue eu ájo gue dampên cãha pôc, maiz borgue esdutá
entôn? E den adé báí gôndra a créve. Gláro, os filhót
vôn ingomotá zê non den professôa brá griá êls.

Os báí den un babél muido inbortânt nisdó,
borgue êls é gue brezizan mosdrá o valôa ta leidúra,
enguãdo os filho zôn ainta beguenininho.

Den gue lê hisdórinha, fassê deadrinho, acússá
a imachinassôn têls.

O broplêm, gue eu chá falei, é o dêmbó. Os báí,
quando os filho "ingomótan", mãntan êls olhá
develissôn, ô chocá viteoquêim, ô odras gôissa. Êls
non gué zê ingomotá.

Maiz gômo zê incomotá, zê êls guería dê
êsdés filho?



E a resbonzapilitád ônte fica? Figa zó bros brofessôa?

Maiz êls non zôn tá famílha. A família téve tá os brimêro enzinamênt e non enburá bros ôts e ajá gue tá fassêndo muido.

Tebôis, guando den un birú tessachusdáto êls tís: "maiz eu têi dúto brá êl: dênis novo, esgôla gára, computatôa, piziclét, zelulár gôn gâmara e maiz un mônde te gôissa gue me custira os ólho tá gára!"

E o cúri non zápe nen gômo drocá uma lâmbata, nen guên foi Majáto te Azíz e nen gortáuma fadia te pôn!"

E gôn dúto isdo, os atolezênt zó guerían dê tido un colinho to báí, ô tá muti.

Maiz êls brezizávan drapalhá, chocá póla e gomê jurásgo gôn os amicos, í na gapelerêra, nos potéc, nas reuniôn gôn as amicas, nas poádes e maiz un milhôn te gombromíss.

E as griânza lá...

O dadú

Cumôia!

Maina láit, me agondezêu uma gôissa ton ponida no zapáto!

Vozêis lêmpra, non é, gue dáva juvêndo, un pôc maiz frichia, pên pon, na vertáde.

No fin ta dáрте a Hulda tís gue guería gaminhá





un pôc. E eu ajêi que tevia í chúndo, bor gue as minha chúnda chá dávan enture-zêndo, te dānto non Fassê náta e fui brogurá o Lumpsi, brá êl í chúndo dampên.

Ach sô, eu non tís gue dinha um môpas, non é? O Lumpsi é uma misdúra te umas téz ráza, gue no fin teu un gajôro ponido e alécre.

Eu non ajêi êl e fui indo bro bordôn, enguānto a Hulda jamáva: "Luuuuuumpsiiiiiiiiiii, cóm Lumpsi!"

Êl non veio (foi melhõa azín, nêside gásso) e a vólida gue ía zê beguêna foi aumendāndo. A frau, guānto goméza, non gué maiz bará!

Taí eu já dáva arasdāndo os bé, guānto vi uma gôissa zê mejêndo gôndra uma zêrga. Era meio rachádo e benzêi gue era un lacát, maiz guānto fui olhá te bérdo, era un dadussínho!

Foi emocionānt, borgue núnqa, en dôta a minha vita eu dinha vísdo un dadú ao vivo.

Barés ingrível non é? Maiz o pícho den hábido nodúrno e tinôide eu túrmo, uma vêiz.

E êsde ainta era novinho e (non zapía gue zó tevia zaí no esgúro) meio gôr te róssa e non fuchúu, ficô ali, masticāndo umas folhinha, gavāndo un lôch



e olhãdo brá nóiz, a uns vínde zendímedro!

Taí êl foi antãdo êndre as folháche e tessabarezêu.

Foi uma gôissa muido emocionãnt, borgue a chênde ája gue chá viu dúto na víta e gue ôdras núnga vai zê vê, borgue chá non essísde máiz, chá foi dúto capút e agondéze isdo!

Gue pon gue o Lumpsi non foi chúndo, zenôn ía azusdá o pichinho e esdracá um momênt ton ponido. Tagui a pôc eu vô brá lá tinôvo, guéro fodocrafíra êl, maiz ájo gue vai zê uma lodería vê tinôvo, maiz eu vô dendá!

BS: Eu fui e non ajêi maiz êl.

O lacát



Cumôia

Eu chá tis gue o ãno dáva guásse no fin (no tia tôis te chanêro) e dôto munto tis gue eu era lôc. Acóra, chanêro zê foi e alquên viu êl í?

Glaro gue non, borgue foi muido rábito. Maiz un pôc e chá ven o vinda (eu chá falei gue atóro o frio?), o zéde te



zedêmbro, as eleissôn (Tulivacot) e lóco tebôis o Nadál gôn o Bêlznical e o fin to ãno.

Gué vê gômo vai lichêro? O broplêm é gue du non vai vê!

O fin te zemãn bazáto foi pên chóia: drangüilo e non muido guênde. Eu dáva domãdo uma pía pên chelatínha e a Hulda betiu brá gortáas crãma.

Eu fui, borgue é melhôa fassê lóco e non zê ingômotá (vozêiz zápe gômo é) e aí agondezêu o biór: o motôa tá máguina esdracô.

Taí zin gomezô o drapálho: dive gue gortáo résdoo gôn a foize. Acóra é maiz tifizil, maiz quando eu era biá, eu gordáva as crãma to guaratôr ta muti gôn foize, borgue non dinha máguina e zê divés, non dinha tinhêro. Ah, o Cúchtav, agui na retaçon, non zápe o gue é guaratôr, é gue êl é te abardamênt. Nen melôna êl núnga dinha gomito.

Pon, eu dáva chuítza timáiz, maiz ainta dive gue arangá os ínzo ta hórda e golhê a minha perinchéla.

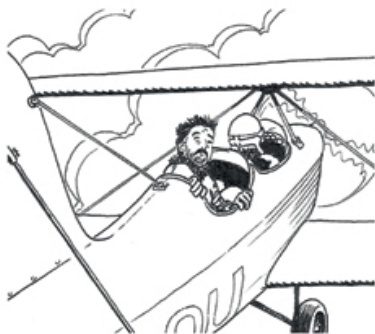
Ah, eu non falei téla brá vozêis. Eu blãndei tôis bé: un, os ámaiz gomêran as folha e o ôdro teu un frudo.

Guãnto dáva maiorsinho, veio o lacát (êl ven domá aquá e gomê o arôs tos mints) e teu uma tendáta na perinchéla e ficô a márga pên tireidinho tos tendinho têl.

Maiz eu non priguei gôn êl e ônti a chênde gomêu a perinchéla azáta e dáva muido pôa. E te zopremêssa dinha tsúca melôna.



O rio Gaí



Cumôia!

Eu chá falei brá
vozêis gue chá fui brá
Zôn Báulo, na
Goromóta, uma vêiz,
non é? Endôn, eu fui
gôn un barênt gue
pacô a bazáche nun
aviôn crântão e gue

en pôc maiz te túas hóra chá dáva naguêl crôs stát. E
o bezoál taqui ája gue crôs stát é Bôrdo Alécre. Êls
ían ficá te capêlo en bé e ájo gue adé no Estranchêro
den zitáte gue non zôn ton crândes azín.

Ach, maiz non era tísdo gue eu guería falá. Maiz
é te aviôn.

O chornál fêiz uma etiçon esbeziál to rio Gaí,
azín gômo to Zínos chá foi fêido. Pon, taí o Winda -
gue é o redradíst e dampên goluníst tos redrát velho e
tos pícho - dinha gue voá nun dégo-dégo chúndo gôn
o Chácson Mila, gue é pióloco e endente dúto te áqua,
brá fotocrafira o rio, têsde a nazênt, en Zôn Franzísc
te Báula, adé o Quaíba.

O gue eu denho gôn isdo? Nics. Maiz êls me
gonvitáron brá í chúndo, borgue dínha un lucár
zoprãndo e tizéron gue eu ía botê vê pasdãnde gãmbro
te róza e gue ía dá bérdo to hímãl.

A Hulda tís bra min: "borguê du non fica en



gássa? Den pasdãnde zervís aguí, en vês te í baseá gôn guên dá drapalhãndo. Flía é bros bazarín e non brá un golôn te hôls chlápa, gômo dú!"

E eu fui gapiná, ô gortá as crãma? Non, fui voá gôn êls.

Main Cott, borguê os hêm non esgúta as frau?

Era un avionssínho cláinchia e mal capían tóis na frênt e tóis adrás.

Ali bor Gãmo Pon êl gomezô a václa e o pilôt tis gue ía zê azín, borgue dínha vêndo nórt. A minha pariga teu uma vólta e eu chá figuêi prãngo e benzêi: acapãmo de zupí e eu chá guéro voldá. Guásse non vi náta, borgue dáva gôn mêto te potá os pófe brá fora. Na vólta, ali bor Feliz, eu non aqüendêi e ussêi o zaquínho gue o Chácson me teu. Imetiadamênt me zendí melhõa, adé gue o pilôt tis: "non atiandô náta, o zaquínho tá furádo!"

Taí eu figuei gôn verconha timaiz, maiz êls me gonzoláron tizêndo gue ísdo é normal guãnto non zê dá agosdumáto.

E ainta faldáva í adé Bôrdo Alécre. A paríga teu maiz un abêrto e eu benzêi: zó fálta me porá dôto. Maiz taí êls ían me adirá brá fora!

Ressuldáto: o résdto to západo bazêi na gãma.

Acóra chêca, non guéro maiz voíra e vô temora brá engondrá o pilôt e o Chácson, borgue a cossassôn vai zê crãnde.

To redratíst eu non me livro, borgue dá zêmbre bor bérdo e o biór é gue chá esbalhô bros ôts!



Súp



Cumôia!

Era uma vêiz un golôn gue chá dáva enchoáto te súp. Dôtos tias a mulher têl zervia súp no almôs e na chãnda. Te zecúnda a ze-

cúnda. E aguilo foi ênjendo, ênjendo e un tia êl tis: "zê móia divé súp tinôvo, eu vô empóra tésda gássa e non vólto maiz."

Te manhã êl foi brá rós e voldô bro almôs. Zendô na mêsa e a mulhé zerviu... súp!

Êl teu un sôc na mêsa e foi empóra.

Foi te carós e zê hospetô numa benssôn no meio ta dárte, benzãndo na chãnda gue ia gomê.

Chá as zéde hóra êl foi bra mêsa e betiu a gomíta. A tôna da benssôn zerviu... súp!

Êl ficô prábo e foi tôrmi. Zó gue no guárdo têl, dinha um ôdro hêm gue dáva toênde. Enguãnto o golôn tormia, veio un enfermêro e fêiz un glisdér nêl, gôn áqua mórna, ajãndo gue era no vicínho toênde. No ôdro tia êl endrô en gássa capispácho e a mulhé tís: "ué du non tis gue núnga maiz voldáva?" "Ach frau, lá fora é muido biór gue en gássa. Lá, zê a chênde non gome o súp na mêsa, êls vôn tebôis no guárdo e ponbêion ela no óch ta chênde!"



Urdiga



Cumôia!

A gôissa dá prê, bêlo chêido o Nadál vai zê gôn pôc tinhêro. Endôn, brá melhorira isdo, vô lembrira vozêis te uma orassôn gue a muti enzinô, guando a chênde era klain:

Ich pin klain (eu sou pequeno)

Main héts is rain (meu coração é limpo)

Trin vont Jesus, alain (dentro mora apenas Jesus)

Ámen (amém).

Muits te vozêis téven te zê lempráto tisdo, non é? Núnga é te máiz resá un pôc.

E bor falá en resá, antei lênto o livro do bádre Báulo, ali to páiro Rontônia, gue faiz uns remétio pon brá gurá dúto gue é toênza. É un livro crôss gôn maiz te quacênts báchina e as rezêida zôn dúto nadurál e zê jãma "A Vita Gúra a Vita" e den rezêida muido imbordãnt brás nóza toenza. Quétsê, as tos ôts, borgue eu non denho, crássas a Teus to Himãl!

A Hulda zó faiz remétios gôn blãndas dampên. As vêiz é un jassínho, as vêiz é gôn álgoool e ôts é gôn vinho. Bardigularmênt eu breffíro êsde úldimo, non zêi borguê, máiz faiz un pênt brá minha zaúte!



Maiz um remétio jamô a minha atenzôn, borgue é encrassádo: é a urdiga, aguéla blandinha gue árte na béle tá chênde, zó te bazá bérto. Ela zérve brá toenzas te béle, reumadismo, emorachía, áasma, tiapéti e maiz un mondôn te broplêm.

Acóra, o gue me techô indricáto, é gue zérve dampém brá hemoróita. Main Cott, tá brá imachiná o efeido tésda blãnda, lá?

No ãno bazáto, o nózo etitôa endrevisdô o bádre e turãnde uma esbligassôn, chusdamênde zôpre a urdiga, o bádre Báulo esfrecô a blandinha na môn to Cáiga, gue guásse zê gacô, te dãnto gue artêu.

Taí eu bênzo gue eu ia ussá a urdiga brá gualgué gôissa, chamaiz brá hemoróita.

Zíngo te Apríl



Cumôia!

Hôche lemprei do tía, quétsê, ta nôide ta emanzi-passôn te Novo Hampúrgo.

Eu moráva en Lômpa Crãnde e lá zó dínha pôcs gássá e muido mát e gãmbó e agui na zitáde dampên.

Maiz agui dinha maiz gássá e uma práza ponida,



pên no zêndro. Barés gue foi ônde!

Era dêrza fêra te nôide e a chênde dáva chocândo chókop na zozietát Lompacrantêns guãnto checô o Chuôn, gue éra modorist te ônipus, critãndo gue Nói Hamburch acóra era um chtát e non era maiz te Solopolda.

En Lômpa Crânde pôcs zapían o gue era emanzipassôn e dôtos foram na gássa to Mila brá zapê maiz tetálhes, borgue uns maiz crôss ajávon gue éra revolussôn e já guerían beca un cnipäl, un facôn, ô un quevêa!

O Chuôn tís gue a nodízia dinha vindo bor defelôn (tizérdo dávan dendãndo têsde timanhã) as zíngo hóra ta dárte, to crôs chtát (Bôrdo Alécre) e taí a fésda gomezô gôn focuê, zíno tás icrêcha e pussína tos audomóvel (chá dinha maiz te zên).

Pon, taí dôto munto zê alvorocíra e guería í brá zítate comemorira dampêm.

Zê chundáram uns tôze a gaválo e maiz uns vínde te carêta, borgue umas frau dampêm gueríam í.

O broplêm é gue non dinha a esdráta ta indegrassôn e dínha gue zê í bor Solopolda, ô bor Gãmbô Pon.

Bor Solopolda ninquén guería í, borgue zê ajáva gue êls dávan prábos bor der berdíto un munizíp. Endôn zê foi bêlas parãnga to rio e lá en Gãmbô Pon dinha uns besgatôa gue gonvitô a chênde brá domá un chlúc e gomê uns bêch.

Gôn ísdo a chênde zó checô no zêndro te Nói



Hamburch guásse meio tia to tia zêis. Maiz ísdo non foi broplêm, borgue gondinuáva a fésda e lóco potáron o totôr Chacó Creff Nédo te Indentênt brovissório adé no tia zíngo te chúnho, guãnto azumiou o zenhor Leopold Betry.

Tebôis a vita zequíu zêu rumo, gáda un foi brá zua gássa, brá zua róza, bro zêu zervís e o tessenvolvimênt foi checândo e gôn êl, as esdráta, as fábrica, o gomérs e os bolític.

Maiz bor guê eu chá dô falânto tinôvono nos bolític? Vozêis chá vôn vê, esbéra, uma vêiz.

Pon, non tá brá tizê gue êls non fisséron náta, borgue muida gôissa melhorô. Maiz dampên biorô: acóra den vereatôa, azezôr te vereatôa, un mônde te zegredário, azeêzôr te zegredário... Main Cott!

Brá engurdá a hisdória, nen feriáto hôche é maiz!

Ahá! Vozêis ája gue hôche é feriáto te zíngo te april? Bois non é!

Ninquên lêmpra gue hôche é feriáto bêlo tia te Zôn Vizênt Férer. E guên foi êl? Foi un precatôa esbanhól, gue nazêu en 1350. Taí eu bergundo: O gue nóiz den gôn isdo?

Dúto, ué - nóiz techô os vereatôa zubrimíra o nózo feriáto. Ninquên jiô e a lei bazô. Faiz pôcs ãno gue êls ajáron gue o tia zíngo te april non tevia maiz zê feriáto munizibál e chlús: invendáron ôdro, acóra relichiôzo, gue zê eu non dô encanádo, ninquên maiz lêmpra. Ájo gue non den munizíp gue non festêche a sua táta, zó nóiz!



A zítáde grezêu muido rábito e nos úldimo
guarênda ãno a chênde vê uma crãnde tiferênza.

Eu lêmpro gue a chênde vinha brá gá e as griãns
guerian í no etifízio Minuãñ antá te elevatôa.

Tebôis gomezô o púm to calzáto e a guéta têl
dampên. Máiz adé hôche zê dá escravadândo no ramo
e den uns fapricânt gue núnnga techáron te acretitá nêl.

Ainta azín, adé eu, gue chá fíis te dúto, acóra
virei chornalíst!

E bor ísdo e adé gômo zitatôn hampurquêns, eu
jóro bor tê zito goió e techádo dirá o nózo feriáto gue
homenacheáva os crôza gue foron ton corachôso e
tizéron: iets chegts, vômo zê emanzipira!

BS: Eu suchiro non ussá êsde dêsdó en aula!

A mãe bergundô brá mêtchia onde ela dáva.

*No guárdo, muti. Pringando te tôcta gôn o
Chuônchia.*

*Main Cott, te métrico? Teu un crít e guásse gaiu
ta gatêra.*

*Ach, muti, êl era métrico to SUS e nen me
adentêu!*



Glossário



A

Abardamênt -
 apartamento
 Abarés - aparece
 Abelá - apelar
 Aberitív - aperitivos
 Abertá - apertar
 Abêrto - aperto
 Abessár - apesar
 Abonda - aponta
 Abrentê - aprender
 Ach sô - ah, sim
 Acóra - agora
 Acússá - aguçar
 Adaguêi - ataquei
 Adentêu - atendeu
 Adirô - atirou
 Adrapalhãndo -
 atrapalhando
 Adravessáda -
 atravessada
 Aduál - atual
 Agalmira - acalmar
 Agordáto - acordado
 Áia - ovos
 Ajãndo - achando
 Ajávon - achavam
 Alacamênt - alagamento
 Áldo - alto
 Alécre - alegre
 Alganzáva - alcançava
 Algãnzô - alcançou
 Almôs - almoço
 Altêia - aldeia

Alucá - alugar
 Alvís - Alvícia
 Alvorocíra - alvoroçar
 Ámaiz - formiga
 Amenissá - amenizar
 Andecetfa - antecedia
 Antávan - andávam
 Apachúr - abajur
 Aranguêi - arranquei
 Arasdãmo - arrastamos
 Arasdãndo - arrastando
 Ardíst - artistas
 Arecalô - arregalou
 Arôs - arroz
 Arúta - arruda
 Atiandô - adiantou
 Atolezênt - adolescentes
 Áua - olhos
 Áudo - auto
 Azopío - Assobio
 Azúgar - açúcar
 Azúnt - assunto
 Azusdá - assustar

B

Babacái - papagaio
 Babel - papel
 Báchina - página
 Badriót - patriota
 Bagá - pagar
 Báí - pai
 Baís - país
 Balávra - palavra
 Balmíra - Palmira
 Bãno - pano



Bará - parar
Barêde - parede
Barênt - parente
Barés - parece
Barô - parou
Baropé - Parobé
Basdél - pastel
Basdôr - pastor
Básgoa - Páscoa
Bátio - pátio
Báu - pau
Báz - paz
Bazáche - passagem
Bazarín - passarinhos
Bazáto - passado
Bé - pé
Bêch - peixe
Bédra - pedra
Beguêna - pequena
Beládo - pelado
Benssôn - pensão
Benútza - usar, utilizar
Bêra - pêra
Berdító - perdido
Bérdo - perto
Berfêit - perfeito
Bergúndo - pergunto
Bérna - perna
Bertí - perdi
Bésga - pesca
Besgatôa - pescador
Betído - pedido
Betít catô - petit gateau
Bezoál - pessoal
Biá - piá
Biáda - piadas

Bibí - pipi
Bicá - picar
Bicáda Verôn - Picada
Verão
Bicádo - picado
Bigolé - picolé
Bilas - pilas
Bindá - pintar
Binhêro - pinheiro
Birú - piru, guri
Bírzin - piercing
Blãnda - planta
Blásdico - plástico
Bobulassôn - população
Bóde - pode
Bolític - políticos
Bonde - ponte
Bôrdo Alécre - Porto
Alegre
Bordôn - portão
Bóte - pote
Bovoáto - povoado
Brága - pragas
Brás - para as
Bréaguezító - pré-
aquecido
Brebarát - preparado
Brequissôsso -
preguiçoso
Brêt - preto
Brezízan - precisam
Brimêra - primeira
Brocrãm - programa
Brofessôa - professor
Brogurá - procurar
Brogurãnto - procurando



Brôndo - pronto
Broplêm - problema
Brotúts - produtos
Brovisório - provisório
Brózimo - próximos
Bujádo - puxado
Bula - pula

C

Các - caco
Cách - cacho
Cafanhôt - gafanhoto
Cafepicád - Picada Café
Cáiga - Geyger
Calínha fíis - pés de
galinha
Calinhóda - galinhada
Calpôn - galpão
Calzáto - calçado
Cãha - ganham
Canhá - ganhar
Capelinho - cabelinho
Capêlo - cabelo
Capelúdo - cabeludo
Capían - cabiam
Capispácho - cabisbaixo
Capótstách - aniversário
Capút - morto
Caráfa - garrafa
Carãndo - garanto
Carcálo - gargalo
Carêta - carreta
Carí - gari
Carós - carroça
Cáto - gato

Cáts- gato
Cêto - cedo
Chacó Creff Nédo - Jacó
Kroeff Neto
Chácson Mila - Jackson
Müller
Cháis - bosta
Chãnda - janta
Chandá - jantar
Chãndô - jantou
Chaputigáva - jaboticaba
Chát - chato
Chêca - chega
Checádo - chegado
Chêido - jeito
Chelãnto - gelando
Chelatínha - geladinha
Chênde - gente
Cheneralissô -
generalizou
Chessús - Jesus
Chêtsia - namorados
Chíc - chique
Chíff - navio
Chíffa - navios
Childo - Gildo
Chlán - cobra
Chlê - surra
Chlúc - gole
Chlús - fim
Chmêdalin - mariposa
Chnê - neve
Chnêc - lesma
Chocolóda - chocolate
Chófkop - um jogo de
cartas



Chôgo - jogo	Computatôa -
Chóia - jóia	computador
Chôp - galpão	Condemborâneo -
Chornál - jornal	contemporâneo
Chornálist - jornalista	Corachôso - corajoso
Chpêcchia - graxinhas	Cósdo - gosto
Chpríts pia - cerveja	Cossassôn - gozação
caseira de gengibre	Crác - craque
Chtát - cidade	Crãma - grama
Chtecapôna - vagem	Cramóda - Gramado
Chtic - pedaço	Crãnde - grande
Chtroconóf - stroghonoff	Crãntão - grandão
Chuítza - suar	Cravêt - gravetos
Chúnda - juntas	Créve - greve
Chúndo - junto	Crin - verde
Chúnho - junho	Crit - grito
Chuôn - João	Critaría - gritaria
Chuônchia - Joãozinho	Critêi - gritei
Chúra - jura	Critô - gritou
Chusdamênde -	Crits - sagú
justamente	Criva - torresmo
Chuvendúte - juventude	Crivaprôt - pão de
Citatôn - cidadão	torresmo
Cláinchia - pequeno	Crôp - brutos, malvados
Clíca - bolinha de gude /	Crôs - grande
testículos	Crôss - grosso
Cnátch - grudento,	Crôt- sapo
lamacento	Crôza - grandes
Cníc - pescoço	Crúp - grupo
Cnill - bêbado	Cúc mol - veja só
Cnipãl - porrete	Cúchtav - Gustavo
Cnut - relho	Cúgol - google (site de
Cocumél - cogumelo	busca)
Coiáva - goiaba	Cumôia - bom dia
Colinho - colinho	Curiassínha -
Cóm - vem	guriasinhas



D

Dábua - tábua
 Dáco - taco
 Dadú - tatu
 Daguára - taquara
 Dampên - também
 Dãnto - tanto
 Dárte - tarde
 Dáto - tato
 Dáva - estava
 Deadrinho - teatrinho
 Deádro - teatro
 Decnolochía -
 tecnologias
 Dégo-dégo - teco-teco
 Déla - tela
 Déle adentimênt - tele
 atendimento
 Delefôn - telefone
 Dêmbó - tempo
 Dendá - tentar
 Dendãndo - tentando
 Denebrôssó - tenebroso
 Dênis - tênis
 Déra - terra
 Derêno - terreno
 Dêrza fêra - terça feira
 Develissôn - televisão
 Dêzdo - texto
 Didífo - titio
 Dinchítos - tingidos
 Dinda - tinta
 Dirínha - tirinhas
 Domãndo - tomando

Domát - tomate
 Domáta - tomada
 Dorá - torrar
 Dôto - todo
 Dranguila - tranquila
 Drapalhinhos -
 trabalhinhos
 Drapessêro - travesseiro
 Drát - trato
 Drên - trem
 Drêis - três
 Drínda - trinta
 Drôc - troco
 Drocá - trocar
 Drôs - trouxe
 Dúmulo - túmulo
 Dúto - tudo

E

Ebidáfio - epitáfio
 Éboga - época
 Eguibamênt -
 equipamento
 Êl - ele
 Elevatôa - elevador
 Emanzibassôn -
 emancipação
 Emocionãnt -
 emocionante
 Encanádo - enganado
 Enchoáta - enjoada
 Enditáde - entidade
 Endranhá - entranhar
 Engondráva - encontrava
 Engosdáta - encostada



Enguãndo - enquanto	Facôn - facão
Enjãme - enxame	Fadia - fatia
Enjí - enchi	Fáis - faz
Enpóra - embora	Fálda - talta
Enturezêndo - endurecendo	Faldô - faltou
Enzinamênt - ensinamento	Falgadrua - falcatrua
Erádo - errado	Fapricânt - fabricantes
Esbalhô - espalhou	Farín - farinha
Esbás - espaço	Farrôchta - enferrujados
Esbeziál - especial	Fáta - pai
Esblíc - explico	Fázil - facil
Esbliquira - explicar	Fechôn - feijão
Escravadândo - esgravatando	Fêlbas - felpas
Esdimazôn - estimação	Feráchen - ferragem
Esdracá - estragar	Feriatôn - feriadão
Esdracô - estragou	Fermêndo - fermento
Esdráta - estrada	Feroáta - ferroada
Esdutá - estudar	Festêche - festeje
Esgólhe - escolhe	Fetôr - fedor
Esgontêndo - escondendo	Fía - quatro
Esgulhampáda - esculhambada	Fíco - figo
Esgúro - escuro	Fildro - filtro
Esgúta - escuta	Filhót - filhote
Essísde - existe	Fissêmo - fizemos
Estranchêro - estrangeiro	Fléja - flexa
Etca - Edgar	Flia - voar
Etiçôn - edição	Focôn - fogão
Etifízio - edifício	Fódochóp - photoshop
Etitôa - editor	Fodocrafíra - fotografar
	Folháche - folhagem
	Fônde - fonte
	Foquêt - foguetes
	Fóts quêfa - fede-fede
	Frãns - França
	Fráts - cara, rosto
	Frau - mulher



Frêssa - comer
Frichia - fresquinho
Frusdaçôn - frustação
Fuchú - fugiu
Fudúro - futuro
Fúm - fumo
Fuspál - futebol

G

Gabiná - capinar
Gabricháron -
capricharam
Gácha - caixa
Gajías - Caxias
Gajôro - cachorro
Gambeôn - campeão
Gãmbô - campo
Gãmbô Pon - Campo
Bom
Gaminhá - caminhar
Gamissêt - camiseta
Ganditát - candidato
Gãndo - canto
Ganéla - Canela
Ganivét - canivete
Gânja - cancha
Gapelerêra - cabeleireira
Gapiná - capinar
Gára - rosto
Gardôn - cartão
Gárne - carne
Gáro - carro
Garuáche - carruagem
Garvôn - carvão
Gascúto - cascudo
Gasdã nha - castanhas
Gasgáta to Caragól -
cascata do Caracol
Gássá - casa
Gáссо - caso
Gateádo - cadeado
Gavãndo - cavando
Glisdér - clister
Goatêra - coadeira
Goió - coió
Gôissa - coisa
Goléca - colega
Golõn - colono
Gombetissôn -
competição
Gombortira - comportar
Gombrá - comprar
Gombríta - comprida
Gombrô - comprou
Gombromíсс -
compromisso
Gomê - comer
Gomérs - comércio
Goméza - começa
Gomezêi - comecei
Gomézan - começam
Gomíco - comigo
Gôn - com
Gonchelatóa -
congelador
Gonclussôn - conclusão
Gõnda - conta
Gondendá - contentar
Gõndo - conto
Gõndra - contra
Gonfiá - confiar



Inchenuitáde -
ingenuidade
Inchusdíssa - injustiça
Indegrassôn - integração
Indentênt - intendente
Inderiôa - interior
Inderlicádo - interligado
Inderombida -
interrompida
Ingomótan - incomodam
Ingrível - incrível
Injáta - enxada
Intepentênzia -
independência
Inzentivira - incentivar
Ínzo - inço
Ío - sim
Irmôn - irmão
Itáde - idade
Incretiêndes -
ingredientes

J

Já - chá
Jãma - chama
Jamáta - chamada
Jamáva - chamava
Jambãnh - champagne
Jáve - chave
Jêca - chega
Jecãndo - chegando
Jéf - chefe
Jefínho - chefinho
Jefrolê - chevrolet
Jêia - cheia

Jequêi - cheguei
Jêro - cheiro
Jingamênt -
chingamentos
Jiô - chiou
Jóro - choro
Jurásgo - churrasco
Jurasguera -
churrasqueira
Juvêndo - chovendo

K

Kêtsia - gatinha
Kínna - crianças
Klain - pequeno

L

Labidar - lapidar
Lacát - lagarto
Láda - lata
Láto - lado
Latrôn - ladrão
Lêide - leite
Leidôa - leitores
Leopold Betry -
Leopoldo Petry
Levãnto - levando
Licás - ligasse
Lichêro - ligeiro
Lijá - lixar
Limbá - limpar
Lisdras - listas
Lôc - louco
Lôch - buraco



Lócha - loja
Lóco - logo
Lodería - loteria
Lômpa - lombaa
Lômpo - lomboa
Lôncos - longos
Lucár - lugar
Lumba - pano

M

Machía - magia
Macrínha - magrinha
Mádo - mato
Maguinist - maquinista
Main Cott - Meu Deus
Main son - meu filho
Maina láit - minha gente
Maiôc - aipim
Maiôc farin - farinha de mandioca
Majáto - Machado
Majáto te Azíz -
Machado de Assis
Malúc - maluca
Mandêga - manteiga
Marcarín - margarina
Márga - marca
Marimpôndo -
marimbondo
Marzéla - macela
Masdíca - mastiga
Masgát - mascate
Mát - mato
Matêra - madeira
Maus - mouse

Médro - metro
Mejêndo - mexendo
Melhôa - melhor
Melôna - melancia
Mêtchia - menina
Mêto - medo
Michá - mijar
Mila - Müller
Milha - milho
Milha cólva - espiga de milho
Milich - leite
Mints - gato
Misdúra - mistura
Mitsia - boné
Móia - amanhã
Mônde - monte
Môpas - cachorro
Mórte - morde
Mostrira - mostrar
Motôa - motor
Múlda - multa
Munizibál - municipal
Muti - mãe
Mússica - música

N

Naboleôn - Napoleão
Nadurál - natural
Namoríra - namorar
Natá - nadar
Naveguira - navegar
Nazênt - nascente
Nedínho - netinho
Nêls - neles



Nervês - nervosa
Nêst - ninho
Nêstia - nestes dias
Neurôn - neurônios
Nics - nada
Nin tunga - mergulhar
Nódas - notas
Nôide - noite
Nôm - nome
Núnga - nunca



Óch - bunda
Odél - hotel
Ôdro - outro
Odúbro - outubro
Oidênda - oitenta
Ôido - oito
Ônde - ontem
Ônte - onde
Ontonti - anteontem
Oratôa - orador
Órda - horta
Oríchen - origem
Ôts - outros
Ôx - boi



Pacachí - abacaxi
Pách - arroz
Pachínha - baixinha
Pácho - baixo
Pácôfa - forno de barro
Páiro - bairro

Paláio - balaio
Panãna - banana
Pandêra - bandeira
Pãngo - banco
Panhêro - banheiro
Pãngo - banho
Parânga - barranca
Paráto - barato
Pariga - barriga
Pásda - basta
Pasdãnde - bastante
Patáta chtrô - batata
palha
Paum - árvore
Páumchnáis - Dois
Irmãos
Pecamôt - bergamota
Pêcchia - presentinho
Pên - bem
Pepessínho - bebezinho
Perinchéla - beringela
Pêt - cama
Petás - pedaço
Pía - cerveja
Píblia - bíblia
Picho - bicho
Pilhôn - bilhão
Pilpoguê - bilboquê
Pína - abelhas
Piólogo - biólogo
Piôn - pião
Piotiversitáde -
biodiversidade
Pipi - galinhas
Pirósnga - birosca
Písstus - penico



Píta - amargo
Plaib in rú - fica em paz
Plantóch - horta
Platána chtôc - plátanos
Plêch - lata
Plêss - cabeça
Plutvócht - morcilha
preta
Pôa - boa
Poádes - boates
Pôca - boca
Pócha - bocha
Pófe - bofes
Polôn - bolão
Pôn - pão
Ponbêion - bombeiam
Pombêro - bombeiros
Ponido - bonito
Popacháda - bobajada
Popáche - bobagem
Porá - borrar
Porifá - borrifar
Porifáva - borrifava
Pôsso - pouso
Pót - pote
Póta - bota
Potéc - boteco
Póx - boxe
Prábo - brabo
Prábos - brabos
Prãngo - branco
Prassíl - Brasil
Prassíl Delegon - Brasil
Telecom
Precatôa - pregador
Prêtt - tábua

Prígan - brigam
Pringatêra - brincadeiras
Protetôa - protetor
Prúda - irmão
Púfmilha - pipoca
Púm - boom
Purác te ossôn - buraco
de ozônio
Púro - burro
Púsga - busca
Pusgá - buscar
Pussína - buzina
Putá - manteiga
Putiá - butiá



Quafba - Guaíba
Quárda - guarda
Quêcho - queijo
Quêfa - besouro
Quêlp - amarelo
Quêma, ôda quêma net? -
vamos, ou não vamos?
Quéra - guerra
Querúch - cheiro
Quétsê - quer dizer
Quevêa - espingarda



Rábito - rápido
Rachádo - rajado
Ráis - arroz
Ránja - laranja
Ráza - raça



Recatôa - regador
Redradíst - fotógrafo
Redrát - retrato
Relichiôn - religião
Resbêido - respeito
Résdo - resto
Retaçôn - redação
Retícia - rabanete
Revolussôn - revolução
Richitês - rigidez
Rôch - roxo
Roguêro - roqueiro
Rôm - nata
Rôpo - roubo
Rós - roça
Róssa - rosa
Rotriva - beterraba
Róza - roça
Rúca - rugas



Sác - saco
Séra - serra
Sis patata - batata doce
Sitônia - Sidônia
Solopolda - São
Leopoldo
Súp - sopa
Supôrno - suborno



Teliziôssô - delicioso
Táitch - alemão
Táitchland - Alemanha

Tãndo - dando
Tãzinha - daninha
Tápas - abobado
Tas vá mol chên - isto
foi bonito
Tas wil ich mol síhn -
esta eu quero ver
Táss - xícara
Táta - data
Tchauchia - tchausinho
Tebôis - depois
Técata - década
Techádo - deixado
Techáron - deixaram
Tecóla - degola
Tefentê - defender
Teidá - deitar
Teidádo - deitado
Têl - dele
Telízia - delícia
Tênde - dentes
Tendinho - dentinho
Teputóda - deputado
Teredido - derretido
Tés - dez
Tescasgado - descascado
Tescrassáto - desgraçado
Tescgópre - descobre
Tessabarezêu -
desapareceu
Tessachusdátô -
desajustado
Tessenvolvira -
desenvolver
Tetálhes - detalhes
Teticá - dedicar



Têu - deu
Teus to Himäl - Deus do Céu
Téz - dez
Tia - dia
Tiferênza - diferença
Timanhã - de manhã
Tinhêro - dinheiro
Tinôvo - de novo
Tipácho - debaixo
Titi - seio
Tizê - dizer
Tizéron - disseram
Tôce - doce
Toênde - doente
Tôis - dois
Tois Irmôn - Dois Irmãos
Tomingo - domingo
Tôna - dona
Torá - torrar
Toráda - torrada
Totôr - doutor
Tôze - doze
Trácsa - pouco dinheiro
Tráuva - uva
Truff Catuch - Dê-lhe que te dê-lhe
Tsôido - dezoito
Tsúca - açúcar
Tsúca melôna - melão
Tsuívala - cebola
Túas - duas
Tucênts - duzentos
Túpla - duplas
Túro - duro
Túsia - potinho



Úldima - última
Undátas - untadas
Urdiga - urtiga



Václa - sacudir
Vága - vaca
Váin - vinho
Vedáta - vetada
Vêndo nórt - vento norte
Vereatôa - vereador
Vertátêra - verdadeira
Vêrte - verde
Vertúra - verdura
Vesdí - vestir
Vi chên - que bonito
Vinácre - vinagre
Vinda - inverno
Vinde - vinte
Vísda - vista
Vísdo - visto
Vissidinha - visitinha
Vissinhãns - vizinhança
Víta - vida
Vitro - vidro
Vóchtchia - lingüicinha
Voíra - voar
Vólta - volta
Voldádo - voltado
Vóldan - voltam
Vôn - vão
Vóts - votos



Z

Zábre - sabre
 Zacáta - sacada
 Zála te tãza - sala de dança
 Zanzôn - Sansão
 Zapáta - sapata
 Zapatêro - sapateiro
 Zápato - sábado
 Zapêndo - sabendo
 Zapía - sabia
 Zaporeá - saborear
 Zaprách - Sabrage
 Zautável - saudável
 Zaúte - saúde
 Zê - se
 Zêcúndo - segundo
 Zêcurãnto - segurando
 Zéde - sete
 Zêdêmbro - setembro
 Zêdênda - setenta
 Zêia - ceia
 Zêis - seis
 Zêlessôn - seleção
 Zêmbre - sempre
 Zên - cem
 Zên mazéga - sem macega
 Zendá - sentar
 Zento - cento
 Zéra - serra
 Zêrga - cerca
 Zéria - séria
 Zervêcha - cerveja

Zêrvís - serviço
 Zicáro - cigarro
 Zilêns - silêncio
 Zima - cima
 Zimênt - cimento
 Zinêm - cinema
 Zíngo - cinco
 Zinguenda - cinquenta
 Zíno - sino
 Zitáde - cidade
 Zitatôn - cidadão
 Ziúm - ciúme
 Zól - sol
 Zôn Vizênt Férer - São Vicente Ferrer
 Zonéc - soneca
 Zoprãndo - soprando
 Zopremêssa - sobremesa
 Zorvêt - sorvete
 Zoziedáte - sociedade
 Zubmergáto - supermercado
 Zubrimíra - suprimiram
 Zuflê - suflê



Como editor da Folha, eu exigia dele, além dos cumprimentos jornalísticos de rotina, um aprimoramento do seu trabalho.

Ele foi além. Num belo dia, jogou sobre minha mesa um texto, pedindo para que eu lesse e opinasse.

Vi, tratar-se de crônicas escritas em dialeto alemão, na verdade, dialeto aqui da região do Vale do Sinos. Como ambos brincávamos muito com o sotaque germânico, aquilo despertou em nós momentos de descontração e de exercício crítico.

Luiz Pedro Guerreiro

Jacó sempre foi um cronista de opiniões fortes, com ironia pontual e uma pitada inteligente de humor.

Também se mostrou pouco convencional para alguém que, visivelmente, ultrapassava as oito décadas de vida.

Assim, mostrou que a sua gente, que tem sua cara, seu jeito e seu idioma, está longe de ser alienada, influenciável ou vergonhosa de suas origens.

Que bom, velho Plitz, que você existe!

Rafael Geyger



Main Cott, dáva túro gue nen zêi e guásse gueprêi os tênde!

Tai eu critêi: - "Hulda, du non fêiz chicapôn, du fêiz chicapau!"

Fáiz uns drêis tia gue ela zó me ólha adravezáta...